

Extensão Universitária e Práticas Pedagógicas na Escola da Cultura Digital: Uma Experiência

University Extension and Pedagogical Practices in the School of Digital Culture: An Experience

Extensión Universitaria y Prácticas Pedagógicas en la Escuela de Cultura Digital: Una Experiencia

Ana Lara Casagrande

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

1

Resumo: Apresenta-se o curso de extensão intitulado *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas* e se discute a extensão universitária frente ao momento de suspensão das aulas nos moldes presenciais, o que tornou premente discutir a escola em face da construção histórica, cultural e social ligada ao digital, considerando o século XXI. O referido projeto visou debater as temáticas: cultura digital e tecnologia, Didática, controle da informação na era da pós-verdade, discriminação racial e representatividade, educação matemática na perspectiva do letramento e multiletramentos digitais, junto aos estudantes de licenciatura (presencial e EaD), de maneira a fomentar as reflexões sobre as práticas pedagógicas na escola da cultura digital. O projeto, que se desenvolveu de maneira remota, possibilitou problematização do cotidiano escolar e representações nele construídas, com inter-relação entre atuação docente e epistemologia, numa perspectiva crítica. Palavras-chave: Extensão universitária. Prática pedagógica. Cultura digital.

Abstract: It's presents the extension course entitled *Pedagogical practices in the school of digital culture: pervasive themes* and the university extension is discussed considering the moment of suspension of classes in the face-to-face molds, which made it fundamental to discuss the school in the face of historical, cultural and social construction linked to digital, considering the 21st century. The aforementioned project aimed to debate the themes: digital culture and technology, Didactics, information control in the era of post-truth, racial discrimination and representativeness, mathematical education in the perspective of literacy and digital multi-literacy, with undergraduate students (presential and distance education), in order to encourage reflections on pedagogical practices in the school of digital culture. The project, which was developed remotely, problematized the school routine and representations built on it, with interrelationship between teaching and epistemology, in a critical perspective.

Keywords: University extension. Pedagogical practice. Digital culture.

Resumen: Se presenta el curso de extensión titulado *Prácticas pedagógicas en la escuela de cultura digital: temas transversales* y se discute la extensión universitaria ante el momento de suspensión de clases en el modelo presencial, lo que hizo urgente discutir la escuela considerando la construcción histórica, cultural. y sociales vinculados a lo digital, considerando el siglo XXI. Este proyecto tuvo como objetivo discutir los temas: cultura y tecnología digital, Didáctica, control de la información en la era de la posverdad, discriminación y representatividad racial, educación matemática en la perspectiva de la alfabetización y las multialfabetizaciones en conjunto con estudiantes de pregrado (educación presencial y a distancia), con el fin de propiciar reflexiones sobre las prácticas

pedagógicas en la escuela de cultura digital, el proyecto, que se desarrolló de forma remota, permitió problematizar la rutina escolar y las representaciones construidas sobre ella, con interrelación entre práctica docente y epistemología, en una perspectiva crítica. Palabras clave: Extensión Universitaria. Práctica pedagógica. Cultura digital.

Submetido em: 08/09/2020

Aceito em: 10/10/2020

Introdução

A extensão universitária tem um papel essencial na sustentação do tripé que compõe a universidade pública brasileira, também formado pela pesquisa e pelo ensino, indissociavelmente, como estabelece a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2016, art. 207). Anteriormente considerada como prestação de serviço ou assistência aos carentes, fortaleceu-se, com a criação e desenvolvimento do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FOR-PROEX), como a viabilizadora da relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

De maneira que hoje a extensão universitária pode ser considerada institucionalizada nas universidades, por meio das Pró-reitorias ou congêneres, que congregam normativas e formas de organização voltadas à Extensão e bolsas estudantis direcionadas aos estudantes que participam dos projetos (submetidos a editais) a ela relacionados. Na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), por exemplo, há a Pró-Reitoria de Cultura Extensão e Vivência – PROCEV, à qual se vincula a Coordenação de Extensão - CODEX. Há, também, um sistema de extensão digital específico para submissão dos projetos, o SIEx, dentro do Portal de Sistemas da universidade.

Na mesma universidade tomada como experiência há a Mostra de Extensão, evento no qual ações de extensão (os trabalhos desenvolvidos) submetidas à avaliação pelos servidores docentes, técnicos administrativos, discentes dos cursos de graduação e de pós-graduação e membros da comunidade externa vinculados aos projetos e programas de Extensão são apresentadas dentre as seguintes modalidades: apresentação artístico-cultural, comunicação oral, exposição de fotos e outros produtos gerados pelos

projetos, pôster e vídeos. Atualmente a Mostra de Extensão está na XI edição.

O curso de extensão apresentado neste texto, cujo título é *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas*, área do conhecimento: Ciências Humanas e área temática: Educação, teve como público-alvo estudantes de graduação, tanto de cursos presenciais quanto da Educação a Distância (EaD), de diferentes instituições de Educação Superior, que preencheram as 80 vagas previstas inicialmente no projeto, com carga horária total de 30 horas. O período de realização do mesmo foi de 21 de agosto a 02 de outubro 2020, o qual foi submetido via fluxo contínuo de ações de extensão e aprovado pelo Departamento de Ensino e Organização Escolar, pela Diretoria do Instituto de Educação, ao qual a coordenação do curso se vincula, e homologado pela Coordenação de Extensão da UFMT/Cuiabá.

5

Trabalhar com os professores em formação significou considerar o público-alvo do curso como “sujeitos de seus conhecimentos e de suas experiências, capazes de atitude crítico reflexiva em relação ao seu trabalho e gestores de sua própria atuação, submetendo sua prática à análise crítica” (LIB NEO, 1998, p.74).

Para cumprir com os objetivos traçados para este texto, a saber, apresentar o curso de extensão supracitado e discutir a extensão universitária no momento de suspensão das aulas moldes presenciais, ele foi organizado em três seções centrais: 1 A extensão universitária: reconfigurando e reforçando o seu papel, em que se reflete sobre a relação universidade/sociedade mediada pelos cursos de extensão propostos pelas instituições de Educação Superior; 2 Curso de extensão para um momento de adaptação, em que se descrevem as ações previstas e a estrutura do curso de extensão pensado para o momento de distanciamento social e interrupção das aulas com presença física de todos no mesmo espa-

ço; e, 3 Considerações finais, momento no qual são tecidas observações sobre a importância das atividades extensionistas para a própria universidade, bem como para a comunidade.

A extensão universitária: reconfigurando e reforçando o seu papel

Ao resgatar os princípios das atividades de Extensão Universitária no Brasil, vê-se que remonta ao início do século XX, tendo as primeiras manifestações do seu caminhar em 1911, na antiga Universidade de São Paulo e na década de 1920, com as prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa. No início dos anos 2000, ela adquirira significativa densidade institucional, sob o escopo da Constituição de 1988, legislação federal e regulamentações do FORPROEX (FORPROEX, 2012).

Houve, ao longo do tempo, mudanças nos conceitos e papel da extensão universitária, tanto no Brasil como internacionalmente, que acompanharam os próprios deslocamentos da universidade. Considerando-a quanto a sua edificação, Gomes (2016, p.43/44) afirma que se deu “espelhada nos modelos europeus e/ou com certa influência estadunidense, um espaço que por tradição se mantinha afastada do mundo ‘fora dos seus muros’. Na medida em que este modelo foi questionado, a extensão, como parte do processo, teve seu lugar reservado”.

A Política Nacional de Extensão Universitária reafirma os objetivos pactuados ao longo da existência do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). A atuação desse Fórum envolveu amplos debates em Encontros Nacionais quanto à extensão como dimensão relevante da atuação universitária. Nesse âmbito, a extensão universitária é definida

como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”, a desenvolver-se “sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (FORPROEX, 2012, p.28).

Com essa definição, nota-se a superação dos momentos de crítica da extensão universitária enquanto “sinônimo de entender o conhecimento de forma unidirecional” (Gomes (2016, p.44) e o fortalecimento da sua concepção dialógica. A interação dialógica, inclusive, é atualmente uma das diretrizes orientadoras para a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária, junto com: Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Impacto na Formação do Estudante; Impacto e Transformação Social (FORPROEX, 2012).

7

Pretende-se aqui destacar o quão é fundamental superar essa ideia de que as atividades de extensão estão relacionadas à caridade da universidade em atender a comunidade, “prestação de serviço, de assistência aos mais carentes” (GONÇALVES, 2016, p.57). Repensar o seu papel significa, definitivamente, entendê-las na dimensão formativa, como sistemática de interação dialógica entre a Universidade e a sociedade, não de uma para a outra, como uma cedência, um favor.

Reconhecendo a importância dos programas e projetos de extensão universitária, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) vigente estabelece como estratégia assegurar 10% do total de créditos curriculares, no mínimo, exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação para áreas de grande pertinência social, prioritariamente (BRASIL, 2014, estratégia 12.7). Nota-se a garantia de que a extensão componha parte da formação do estudante universitário na graduação. Gonçalves (2016) aponta a diferença importante do

antigo PNE (2001-2010), que citava o estímulo a ações de extensão para o novo que fala em programas e projetos de extensão. Vendo como um reconhecimento da presença da extensão na formação dos estudantes, a autora explica que “ações de Extensão podem ser Cursos e Eventos, que não necessariamente contemplam os cinco princípios extensionistas, nem têm continuidade ao longo do tempo” (GONÇALVES, 2016, p.66).

O PNE 2014-2024 tem como estratégia ligada à extensão: promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2014, estratégia 14.10). O que parece uma adequada referência no sentido de apontar a produção de conhecimento no âmbito da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão em um documento que estabelece diretrizes, metas e estratégias para a política educacional entre o período de 2014 e 2024.

Na sequência, discute-se como os cursos de extensão precisaram adaptar-se em face do desafio sanitário de escala mundial da epidemia Covid-19 – novo coronavírus, que se manifestou no Brasil em meados do mês de março de 2020 (com início na China, em dezembro de 2019), obrigando que as atividades fossem reconfiguradas, principalmente mediadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), bem como, apresenta-se o curso de extensão proposto para o que se chamará de momento de urgente adaptação.

Curso de extensão para um momento de urgente adaptação

Em caráter de urgente adaptação ficou toda a sociedade diante do rápido contágio da Covid-19. Barreto et al (2020, p.01) indicam as incertezas sobre como reagir estrategicamente frente

a esse vírus, tendo em vista o insuficiente conhecimento científico, a alta velocidade de disseminação e mortalidade; e expõem os números assustadores: “No Brasil, até o dia oito de abril de 2020, foram registrados 15.927 casos confirmados e 800 mortes pelo Covid-19”, atualmente o número de óbitos confirmados passa de 126.203, conforme dados atualizados em 05 de setembro de 2020 (BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020 [online]).

Dessa maneira, Barreto et al (2020, p.02) afirmam que, no Brasil, os desafios são ainda maiores, devido à transmissão em “contexto de grande desigualdade social e demográfica, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso constante à água, em situação de aglomeração e com alta prevalência de doenças crônicas”. Por isso, o distanciamento social pareceu, para os cientistas e estudiosos da área da saúde efetivamente preocupados com a saúde da população, a alternativa mais eficaz considerando o nosso cenário.

A extensão universitária cumpre um papel de tal modo necessário que aqui se considera fundamental que as suas engrenagens não parassem mesmo com o recomendado distanciamento social, para isso, seria necessário mobilizar todos os recursos tecnológicos (ocupar o ciberespaço) e capacidade de reinvenção dos professores. Compartilhando dessa visão, a CODEX da UFMT, por meio da PROCEV, lançou edital específico para apoiar projetos pensados para o momento atípico, tendo em vista a emergência de saúde pública: Edital nº 07/Ext/2020 Ações de Extensão para enfrentamento ao Coronavírus (Covid-19) Cuiabá, com início das submissões em 07 de abril de 2020. Desse modo, O edital tem o objetivo de regularizar a submissão e o desenvolvimento de Ações de Extensão específicas de combate, prevenção, monitoramento e segurança frente à pandemia do Coronavírus - COVID-19, assim como outras possíveis epidemias.

Entendendo a extensão universitária como “possibilidade de transformação, diálogo, conexão e construção de uma sociedade que dialoga e interage com os seus semelhantes e com os seus diferentes”, ou seja, partindo do princípio de que ela acompanha os processos sociais que se transformam (DEUS, 2020, p.84) e com base no compromisso social da universidade, o curso de extensão *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas* (logotipo criado de acordo com sua identidade: figura 1) é proposto em meio a esse contexto pandêmico, objetivando debater o processo de construção pedagógica frente às temáticas relativas à didática, cultura digital e tecnologia, discriminação racial e representatividade, educação matemática na perspectiva do letramento, ao controle da informação na era da pós-verdade e multiletramentos digitais, como meio de fomentar a formação cidadã dos estudantes em um período no qual estavam, ainda, sem aulas remotas, ou seja, muitos estavam realmente alijados da universidade, com exceção daqueles que já estavam engajados em algum projeto de pesquisa ou algo similar e cujo grupo tivesse já adaptado as atividades presenciais.



Figura 1: Logotipo do curso de extensão

Fonte: Elaborado pela designer gráfica Lariane Casagrande (2020).

Como objetivos específicos, o curso em tela teve: refletir junto aos estudantes dos variados cursos de Licenciatura (presencial e EaD) sobre as múltiplas perspectivas de construção da prática pedagógica na escola inserida na cultura digital; integrar as reflexões dos futuros professores sobre inovações tecnológicas com projetos educativos que contribuam com a formação dos estudantes da Educação Básica, nas mais diversas áreas; e, promover debates que conduzam à problematização da incorporação das tecnologias no processo ensino-aprendizagem na escola, considerando as carências multisituadas espacial e historicamente.

Ao debater com a comunidade estudantil da UFMT e de fora dela – sobre didática, cultura digital e tecnologia, controle da informação na era da pós-verdade, discriminação racial e representatividade, educação matemática na perspectiva do letramento e multiletramentos digitais – pretendeu-se, em suma, contribuir com a formação dos futuros professores no que diz respeito ao olhar sob o processo de ensino-aprendizagem diante da velocidade de circulação de informações imposta pelas tecnologias, bem como os novos modelos de espaço de conhecimento e novos estilos de raciocínio, como alerta Lévy (2010) no capítulo “A nova relação com o saber”, que afetam as propostas didáticas a serem formuladas para a escola contemporânea. Significa considerar que os sistemas de educação deverão levar, necessariamente, em consideração a transformação da relação com saber na contemporaneidade com a velocidade de surgimentos e de renovações dos saberes para a construção de conhecimento. Evidente que há uma distinção entre informação e conhecimento, bem como o é que as tecnologias digitais cumprem um papel nesta sociedade de início de século, que não pode ser desconsiderado pela escola.

Não se trata de falar na aquisição de equipamentos tecnológicos, embora sejam também importantes, mas de discutir a

concepção quanto ao processo de ensino-aprendizagem frente à complexidade do ciberespaço, da cultura digital, assumida no sistema educacional como um todo, na escola e na prática pedagógica docente, de modo particular. Os comportamentos mudaram culturalmente, constatando-os Matuck (2008) chamará a atenção para a constituição do que chamará de espaço híbrido, que:

[...] introduz uma nova natureza do espaço e do território, definindo-os a partir de uma contínua interação entre a virtualidade e a atualidade. Nesse meio ambiente emergente de inter-realidade presencial/virtual, material/imaterial, constatamos que não apenas os espaços estão sendo redefinidos, também os humanos estão se tornando híbridos e devem assim ser compreendidos como entes nascentes em uma nova dimensão (MATUCK, 2008, p.484/485).

Essa provocação à reflexão aliada a um momento em que para manter o distanciamento social estamos reconfigurando como nunca a inter-realidade presencial/virtual como nunca, fez com que as discussões fossem ainda mais pujantes no curso de extensão *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas*, que esteve dividido em 7 ações centrais, sendo 6 delas direcionadas aos debates e uma delas à atividade final do curso. Os debates foram conduzidos por professores especialistas nas temáticas sob sua responsabilidade. Esses estudiosos propuseram leituras prévias (de textos científicos, vídeos e imagens) aos estudantes inscritos, que subsidiassem a apresentação realizada na atividade síncrona (ao vivo). Como exemplo de materiais indicados temos o filme *Rede de ódio* (Polônia, Netflix, 2020), direção de Jan Komasa, para discutir a questão da disseminação de informações falsas e o curta-metragem *Vida Maria* (2006), que recebeu

uma série de prêmios nacionais e internacionais, entre eles o 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo; a narrativa de Márcio Ramos retrata muito sensivelmente a falta de acesso ao saber escolarizado, uma metáfora da desigualdade brasileira.

No dia especificado para a temática, havia um encontro ao vivo, online, que ficava gravado no Ambiente Virtual de Aprendizagem criado para o curso, em que esse(a) professor(a) levantava questões importantes. Após tal encontro, dava-se a abertura do fórum para que os participantes interagissem entre si, levantando questões que lhes chamaram a atenção e compartilhando as suas óticas, percepções e experiências. Remete-se aqui ao conceito de Mitra (2005 apud MATUCK, 2008, p.488) quanto ao que chamará de cibercidadãos, os quais “adquirem o potencial de recriarem tanto o espaço real como o espaço virtual que eles ocupam. A possibilidade de produzir e sustentar narrativas identitárias, pontos de vista, articulações políticas, no ambiente virtual, torna possível melhor negociação das identidades na vida real”.

Os fóruns, momentos assíncronos, foram fundamentais na perspectiva de troca entre os participantes, efetivamente, permitiu a construção de relações, reiterando o que Deus (2020, p.89) afirma: “As relações construídas entre as pessoas na atividade extensionista possibilitam ao estudante compreender outras realidades, outros saberes, outros olhares. O impacto da extensão na vida (acadêmica, profissional e pessoal) do graduando é necessário”. Por sua característica assíncrona, a atividade conferiu mobilidade aos estudantes, não requerendo que tivessem um tempo rígido para interagir e participar das discussões. Um aspecto observado, até o ponto em que o curso transcorreu, foi a importância da mediação dos professores para estimular a interação entre os participantes que, inicialmente, seguiam a tendência de apenas indicar as suas reflexões, mas não relacionar com as que o outro

havia apontado. Bem enfatizam Peixoto e Carvalho (2011, p.37) a necessidade de resgatar o entendimento da tecnologia como artefato, de maneira que “todo ato pedagógico, assim como qualquer ato de comunicação, comporta um importante aspecto relacional”.

Nesse sentido, é cara a consideração de que a educação, ela própria, constitua-se como mediação, assim: “A educação como mediação tanto funciona, embora em graus diferentes, para a afloração da consciência, como para impedi-la, tanto difundir, como para desarticular” (CURY, 2000, p.66).

Um exemplo de como o público do curso de extensão foi convidado a problematizar a temática é apresentada. Para o fórum de debate sobre Multiletramentos digitais em tempos de pandemia, propôs-se que, com a leitura de um dos textos sugeridos – “Perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura” e “Tecnologias Digitais, Literatura Infantil e Multiletramentos na Formação de Professoras” – e as apropriações tecnológicas de docentes e estudantes na educação *on-line* praticada em tempos de pandemia, como sugere o meme @escoladepassarinhos (figura 2), vamos dialogar? Vamos falar das nossas experiências nesse período? O que aprendemos? O que podemos ensinar com elas? Quais multiletramentos digitais são mobilizados nas diversas práticas *online*?



Figura 2: Quadrinhos Aulas na quarentena
Fonte: Instagram @escoladepassarinho, 2020.

Quanto ao tema Pós-verdade e produção de conhecimento, os estudantes puderam escolher entre dois temas para debater: a) Ensino no contexto da “pós-verdade”, isto é, da indiferença entre “verdade” e “mentira” e da absolutização da opinião como “projeção de si”. b) Modos de enfrentar a disseminação de mentiras na Internet, garantindo a “liberdade de manifestação de pensamento e expressão” (Art.5º, IV e IX da Constituição Federal da República Federativa do Brasil – CF), o “direito de resposta proporcional ao agravo” (Art. 5º, V da CF), o “direito à informação” (Art. 5º, XIV) e a “inviolabilidade da honra” (Art. 5º, X da CF).

Também é interessante destacar as indicações realizadas ao tratar da temática Discriminação racial e representatividade, além das leituras, quanto ao trabalho de pessoas negras. Conheça, indique e contrate: <http://negropreto.com.br>; <http://designersnegresnobrasil.com.br>; <https://www.pretalab.com/perfis>.

As ações previstas contaram, então, com apoio da Secretaria de Tecnologia Educacional (SETEC), na criação de um Ambiente Virtual de Aprendizagem específico para o curso, como supracitado, e a assistência de um modelador nos encontros online, ao vivo e disponibilização dos links das gravações no AVA, para que os estudantes pudessem rever ou, quem não pode acompanhar ao vivo, assistissem.

Na primeira semana a temática foi Cultura digital e tecnologia na escola; na segunda semana Didática e as novas dimensões pedagógicas; na semana seguinte Pós-verdade e produção de conhecimento; na sequência Discriminação racial e representatividade; a temática da quinta semana foi Educação Matemática na perspectiva do letramento e da última semana de atividades síncronas, Multiletramentos digitais. A atividade final chamada de Oficina “Eu docente” previu que os participantes do curso de extensão selecionassem um dos temas com os quais mais tivessem se identificado

para desenvolver um projeto a ser desenvolvido na escola. Para nortear essa elaboração foram propostas as seguintes questões: Qual é o foco do seu projeto? Qual o público-alvo da Educação Básica? O que propõe como estratégia de ensino para discutir a temática que selecionou? Foi disponibilizada uma estrutura para essa atividade composta por: tema do projeto, título do projeto, ano escolar, duração, justificativa, problemas a serem discutidos, objetivos gerais e específicos, desenvolvimento, metodologia de ensino, critérios de avaliação, bibliografia e material de apoio.

Por fim, foi proposto um questionário de avaliação do curso, composto das seguintes questões: Participou de todas as ações previstas no curso *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas*? Em uma escala de 1 a 10, como classificaria o curso? Recomendaria o curso a um colega em formação? Nele, foram solicitadas, ainda, duas indicações: Por favor, indique um ponto positivo deste curso de extensão; Por favor, indique um aspecto que acredita devesse ser melhorado neste curso de extensão.

O curso de extensão, em andamento, previu avaliação qualitativa, considerando as participações nos fóruns e a entrega do projeto didático, articulador das reflexões realizadas em uma das temáticas abordadas, direcionadas às diferentes etapas da Educação Básica, e o que o estudante viabilizou em termos de prática para a escola.

Considerações finais

O momento de distanciamento social forçou que fossem colocadas definitivamente na pauta da Educação (e em prática) as TDICs, bem como fosse discutida a questão da cultura digital enquanto construção associada ao movimento desta época.

Foi necessária uma adaptação sem precedentes, completamente desafiadora se grife, para continuar as atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade, no entanto, é importante destacar que não se trata de seguir de qualquer modo por uma questão de produtividade, como quem diz: a vida segue e pronto. Não no sentido que se apresenta o curso de extensão *Práticas pedagógicas na escola da cultura digital: temáticas pervasivas*, que foi o de possibilitar aos estudantes em formação para a docência articulação com pares, no sentido de problematizar as práticas pedagógicas e o funcionamento dos espaços, tempos, planejamento da escola, colocando-se como sujeitos desse processo.

Sabe-se que há, no Brasil, o cenário de um número assustador de mortes, dificuldades financeiras, entre outros, acompanhado das incertezas políticas e as próprias do comportamento do vírus da Covid-19. Mas é nele que as atividades extensionistas realizadas remotamente se revelaram fundamentais para a relação entre universidade, estudantes e comunidade, dispondo-se a instituição universitária, com isso, a desenvolver o princípio da indissociabilidade nas atividades formativas.

Enfatiza-se a ideia da extensão universitária como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que compõe um eixo central do papel da universidade pública brasileira. De modo que se considera de fundamental importância reconfigurar/ampliar a perspectiva de que a extensão seja prestação de serviço de um (universidade) para outro (sociedade). Ao desenvolver debates relacionados às temáticas: cultura digital e tecnologia, Didática, controle da informação na era da pós-verdade, discriminação racial e representatividade, educação matemática na perspectiva do letramento e multiletramentos digitais, o curso de extensão de que se tratou contempla reflexões críticas sobre a complexidade da escola inserida na cultura digital e situa

as possibilidades de práticas pedagógicas voltadas para as transformações necessárias, promovidas pelos futuros docentes, para a superação de uma escola desalinhada com o tempo presente e mais comprometida, do que precedentemente, com o processo de ensino-aprendizagem emancipatório.

Referências

BARRETO, MAURICIO LIMA; ET AL. O QUE É URGENTE E NECESSÁRIO PARA SUBSIDIAR AS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL? **REV. BRAS. EPIDEMIOL.**, RIO DE JANEIRO, V. 23, P. 1-4, ABR. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014.** APROVA O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. BRASÍLIA: SENADO FEDERAL, 2014.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL:** TEXTO CONSTITUCIONAL PROMULGADO EM 5 DE OUTUBRO DE 1988, COM AS ALTERAÇÕES DETERMINADAS PELAS EMENDAS CONSTITUCIONAIS DE REVISÃO NOS 1 A 6/94, PELAS EMENDAS CONSTITUCIONAIS NOS 1/92 A 91/2016 E PELO DECRETO LEGISLATIVO NO 186/2008. BRASÍLIA: SENADO FEDERAL, COORDENAÇÃO DE EDIÇÕES TÉCNICAS, 2016.

BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PAINEL CORONAVÍRUS.** DISPONÍVEL EM: [HTTPS://COVID.SAUDE.GOV.BR/](https://covid.saude.gov.br/). ACESSO EM 06 DE SET. 2020.

CURY, CARLOS ROBERTO JAMIL. **EDUCAÇÃO E CONTRADIÇÃO:** ELEMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA TEORIA CRÍTICA DO FENÔMENO EDUCATIVO. 7 ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 2000.

DEUS, SANDRA DE. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESSOAL DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO. *IN:* **PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:** CONTRIBUIÇÕES PARA UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA. NÁDIA GAIOFATTO GOLÇALVES; GISELE ALVES DE SÁ QUIMELLI (ORGS.). CURITIBA: CRV, 2016. P. 77-91.

FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS **POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. MANAUS, 2012. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PROEX.UFSC.BR/FILES/2016/04/POL%C3%ADTICA-NACIONAL-DE-EXTENS%C3%A3O-UNIVERSIT%C3%A1RIA-E-BOOK.PDF](https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-Book.pdf). ACESSO EM 04 DE SET. 2020.

GOMES, MARQUIANA DE FREITAS VILAS BOAS. INTERDISCIPLINARIDADE E A INTERPROFISSIONALIDADE NA AÇÃO EXTENSIONISTA. IN: **PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**. NÁDIA GAIOFATTO GOLÇALVES; GISELE ALVES DE SÁ QUIMELLI (ORGS.). CURITIBA: CRV, 2016. P. 37-52.

GONÇALVES, NADIA GAIOFATTO. PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. IN: **PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**. NÁDIA GAIOFATTO GOLÇALVES; GISELE ALVES DE SÁ QUIMELLI (ORGS.). CURITIBA: CRV, 2016. P. 53-76.

LÉVY, PIERRE. **CIBERCULTURA**. 3. ED. SÃO PAULO: ED. 34, 2010.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. OS CAMPOS CONTEMPORÂNEOS DA DIDÁTICA E CURRÍCULO: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS. IN: **CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE DIDÁTICA E CURRÍCULO**. CAMPINAS: PAPIRUS, 1998. P.53-92

MATUCK, ARTUR. UMA PROSPECTIVA POLÍTICA PARA UM MULTIVERSO DIGIVIRTUAL: DIREITOS HUMANOS ÀS TECNOLINGUAGENS. IN: **ESTÉTICAS TECNOLÓGICAS: NOVOS MODOS DE SENTIR**. LUCIA SANTAELLA; PRISCILA ARANTES. SÃO PAULO: EDUC, 2008. P.481-492.

PEIXOTO, JOANA; CARVALHO, ROSE MARY ALMAS DE. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA MIDIATIZADA PELAS TECNOLOGIAS? **REV. TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO**, V. 14, N. 1, P. 31-38, JAN./ABR. 2011.